

Autor: Isidoro Vegh – Escuela Freudiana de Buenos Aires

Título: De que tecido se faz um gênero?*

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

1 – Não se resolve um erro com a fórmula simétrica. Só se obtém um erro simétrico. Assim lemos a crítica ao Texto Sagrado que nos diz que Deus os fez homem e mulher. Naturalidade dos corpos que se estende ao ser, entendido como ser-sexuado, não é sua natural partição a que nossa clínica e a experiência da vida nos ensinam.

Concordamos nisso com Judith Butler, quem o lembra e fundamenta generosamente no seu já clássico livro “Problemas de gênero”¹.

Freud, nos “Três ensaios para uma teoria sexual”, destacou que na origem todos ocupamos o mesmo lugar para o Outro primordial: narcisismo-mãe fálica é a célula onde o infans se situa como o falo imaginário. Daí em diante, Édipo é o nome de um desfiladeiro pelo qual a relação ao Outro e não só ao primordial – é o que implica a metáfora paterna – se desfaz em dois caminhos: um que conduz aos que não são, outro aos que não têm. Daí a poética fórmula do amor: “dar o que não se tem àquele que não o é”.

Duas perguntas nos aproximam à mesma questão: a incidência do Outro anula toda eficácia à existência do órgão? As marcas da linguagem que o Outro infere, torna inoperante o furo real?

2 – Desde L'Étourdit e Encore com Lacan devemos distinguir uma volta que estende o questionamento. Nas fórmulas da sexuação uma barra vertical divide o espaço entre os que se dizem homem e os que se dizem mulher. Barra da diferença, é também de uma articulação. Duas lógicas se propõem que exponho na sua mínima estrutura:

* Em espanhol a palavra "gênero" é sinônimo de "tecido" e também se usa para diferenciar o gênero masculino do gênero feminino.

- a) Uma lógica fálica de incompletude. O limite, marcado pela exceção, instaura a infinitude.

¹ Butler, Judith: “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

b) Uma lógica do não-todo. A ausência de limite, que se marca na inexistência da exceção, mostra o real que não faz tudo, não faz conjunto.

Qual é a articulação destas duas lógicas?: em ambos os lados da barra, é o significante da falta no Outro, Φ , aquele que em diferentes sintaxes escreve as quatro fórmulas modais: a necessária, a possível, a impossível, a contingente. A barra vertical que separa as duas lógicas é também a que as coloca de costas, com flechas que as atravessam e as enlaçam: como Kierkegaard com sua amada Regina, é a suspensão do gozo a-sexuado da pulsão o que permite um gozo de segundo grau. O gozo a-sexuado, como o gozo do órgão, são fálicos e ultrapassá-lo é o que conduz a um gozo suplementar, por isso mesmo chamado extra: extra do fálico e do gozo a-sexuado. Pois o gozo, enquanto sexual, é fálico. E o extra? Como o ensinam os místicos, é o valor do furo, que mostra o Real pelo que o consagra: não-todo. “Que morro porque não morro” diz a mística, pois a ausência do ser, quando se faz furo, encontra o estremecimento do corpo e do ser.

3 – Então, de que tecido se faz um gênero? A banda de Slade



com a que faz anos escrevemos o corpo erógeno² nos mostra que o gênero não é decidido pela “sábia” natureza nem pelas ilusões imaginárias dos que proclamam o fim da heterossexualidade. Mais uma vez, com Lacan, heteros é aquele que encontra no Outro o furo real do gozo, que não se iguala a nenhuma anatomia, pois é o furo de um real enlaçado. Outro modo de dizer que o tecido que nos compõe no gênero de cada um não é natural, nem é puramente cultural. É tecido com as três cordas que bem amarradas nos põem de banda, não a do delito, mas a do gozo enlaçado “na escala invertida da lei”³.

² Vegh, Isidoro: “Hacia una clínica de lo real”, pág. 80, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1998.

³ Lacan, Jacques: “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”, en Écrits, Éditions du Seuil, Paris, 1966, p. 827.

4 – Não deveria surpreender que aquele que interrogou com “ferocidade psicótica”⁴ as incidências da linguagem na relação do sujeito com o mundo, fosse quem numa de suas obras consagradas, o “Tractatus Logico – Philosophicus” – estou me referindo a Ludwig Wittgenstein – mencionou a experiência mística como ao encontro com uma totalidade localizada. É que não é o mesmo a margem esquerda da folha que a direita: o Logos coxeia para dizer o Real mas só alcança sua douda ignorância quando faz seu limitado e por isso infinito caminho.

A totalidade localizada não se iguala à sensação oceânica que Freud teve que questionar na sua aspiração teológica ao seu respeitado amigo Romain Rolland. O indizível surge no limite do dizer, e assim protege o sujeito da ilusão do Outro, retorno ao paraíso perdido que nunca se teve.

Michel Foucault desconfiava do conceito psicanalítico de desejo. No seu lugar, reclamava mais prazer. Certamente é possível, mas não assegura mais gozo nem melhor. A transgressão pode ser regressiva, à busca do gozo do Outro inexistente; ou criativa, quando a verdade encontra o Real: do furo verdadeiro porque aceitou o furo principal; do furo do Outro real porque primeiro aceitou a falta que não é falha exceto quando falta.

Buenos Aires

Maio de 2009

⁴ Lacan, Jacques: “Logique du fantasme”, aula de 18 de janeiro de 1967.